

LUTO MATERNO

MORAIS, A. B. S.¹ ; MAIRENO, D. P.²

Palavras-chave: Luto Materno. Narcisismo. Psicanálise. Clínica Psicanalítica.

INTRODUÇÃO

É de grande importância discutir sobre a questão de mães que vivenciam o luto materno diariamente, já que este causa um grande impacto na vida da mulher, devido o laço mãe-filho que é estabelecido durante a gestação. Sendo assim, o trabalho irá discutir sobre a necessidade de compreender esse tipo de luto.

Frente a isso o artigo visa compreender inicialmente o processo da maternidade, dando seguimento ao tema do narcisismo, no qual se pode pensar os aspectos relacionados ao narcisismo da mãe, que colocou suas fantasias, expectativas e desejos no nascimento e crescimento do filho que foi idealizado e como isso a afeta com a vinda de lembranças do filho perdido, podendo desencadear até mesmo problemas psicológicos. Assim, com esse artigo pretende-se entender através de diferentes teorias psicanalíticas a constituição do laço mãe e filho, a perda e apontar maneiras de elaboração do luto materno através da clínica psicanalítica.

OBJETIVOS

Esse trabalho visa compreender a partir de contribuições bibliográficas o luto materno em diversas teorias psicanalíticas. Começando com uma comparação entre teorias desde o processo da maternidade até o processo do luto de fato, tendo por fim como objetivo entender o auxílio da clínica psicanalítica diante do luto materno.

METODOLOGIA

Esse artigo baseia-se em pesquisas bibliográficas publicadas através das plataformas Google Acadêmico, Pepsic, Scielo, e de sites de repositórios de universidades. O método de pesquisa baseou-se na leitura dos materiais encontrados

¹ Ana Beatriz dos Santos de Moraes. Graduanda do Curso de Psicologia da Faculdade de Apucarana – FAP. Apucarana – Pr. 2023. Contato: moraisbia165@gmail.com

² Daniel Polimeni Maireno. Orientador da Pesquisa. Docente do Curso de Psicologia da Faculdade de Apucarana – FAP. Apucarana - Pr. 2023. Contato: dpmfap@gmail.com

por meio de pesquisas com as palavras-chave: luto materno; narcisismo; psicanálise; clínica psicanalítica.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A constituição da maternidade tem início ainda na infância, através da atividade lúdica infantil, na qual a menina quando criança se depara brincando com suas bonecas, fantasiando a ideia de ser mãe (PICCININI, 2008).

A maternidade, vista pela psicanálise freudiana é tida como o desejo do pênis ressignificado pelo desejo do bebê. Devido o complexo de Édipo, há um deslizamento da menina em direção ao pai, pois a menina percebe a falta do órgão masculino e volta-se para o pai esperando que a dê o que falta a ela. Quando a menina entende que não terá o pênis, ela deslizara então sua decepção para o desejo de ter um filho (BROUSSE, 1993).

A maternidade poderia então ser vista como um momento de completude para a mulher, porém cada uma passa por uma experiência diferente, pois as transformações ocorridas no processo gestacional podem ser encaradas pela mulher como uma realização pessoal, mas também ser marcada por stress e mudanças de humor decorrentes da gravidez (Lydon, Dunkel-Schetter, Cohan & Pierce, 1996).

Ao fim da gestação, a chegada do parto é quando ela irá se encontrar com o real bebê que foi idealizado durante a gestação. Freud (1914/1988) teoriza a respeito do processo de idealização e a tentativa de restauração do estado narcísico. A idealização é um processo que engrandece o objeto, com o objetivo de assegurar a satisfação narcísica, ou seja, ela eleva o objeto à condição ilusória de ser ele o objeto único e que satisfaz a pulsão, é objeto insubstituível.

O narcisismo de acordo com Freud (1914) ou estado narcísico refere-se ao prazer que é concentrado no próprio corpo. Dentro do narcisismo, Freud desenvolveu a teoria como uma fase normal do desenvolvimento psicosexual, descrevendo-o em estágios, sendo o primário, como um estado em que a criança investe toda a sua libido em si mesma, tomando a si mesma como objeto de amor antes de investir libidinalmente objetos exteriores. Já quando ela cresce ocorre mudança para o estágio de narcisismo secundário, onde há um retorno da libido ao Eu após ela ter sido investida em objetos externos (FERRARI *et al*, 2006).

Quando o filho nasce, o toque, os olhares, a amamentação e demais atividades exercidas no pós-parto, vai contribuindo para a construção da relação mãe e filho. Para Freud (1925/1980), a mãe, ao acolher os chamados do bebê, faz por ter o desejo de que o recém-nascido sobreviva, sendo capaz não só de cuidar de suas necessidades, como também de fazer um investimento de amor, estabelecendo então a relação entre eles. Assim, a mãe vai se adaptando a uma rotina de cuidados com seu filho, o que contribui para que seja ainda mais difícil o desligamento desse objeto de amor, devido ao seu investimento nessa relação (GUTIERREZ et al, 2011).

Devido a relação que vai sendo construída entre mãe e filho, torna-se difícil pensar que o filho idealizado esteja sujeito à adversidade, como a morte, por exemplo.

Freud afirma que os pais depositam na criança suas fantasias de onipotência e perfeição, chegando mesmo a ignorar aquisições culturais que seu próprio narcisismo foi forçado a respeitar, e a renovar em nome dela as reivindicações aos privilégios de há muito por eles próprios abandonados (FREUD, 1914/1974). Toda a libido objetal presente na relação mãe e filho torna o laço entre eles demasiadamente forte ao ponto em que a mãe por exemplo não cogite passar por esse luto, ou seja, a morte do filho.

O luto para Freud é descrito em Luto e Melancolia (1917) como uma resposta à perda de um ente querido ou a perda de alguma abstração que ocupou o lugar de um ente querido e não deve ser considerado como algo patológico, mas sim algo que pode ser superado após um tempo. O luto de acordo com ele se explica pelo fato de que como o objeto amado já não existe, é necessário que toda a libido seja retirada de suas ligações com esse objeto (Freud, 1917/2011).

Autores como Klaus e Kennel (1993) afirmam que não existe um tempo determinado para a resolução do luto, mas que poderá ocorrer quando houver a aceitação e elaboração da perda, ajustar-se ao ambiente onde está faltando a pessoa que faleceu e reposicionar-se em termos emocionais.

De acordo com Seren e Tilio (2014), a perda envolve diferentes sentimentos, sendo sua expressão essencial no processo de elaboração do luto. Sendo que a inibição dos sentimentos pode produzir uma cronificação do processo de luto, tornando-o patológico. A aceitação e compreensão do luto, sendo um trabalho necessário, viabiliza a possibilidade de simbolização e representação da perda de forma mais positiva.

A mãe perder seu filho, o vínculo estabelecido na gestação é rompido na relação mãe-filho pela morte e quando a mesma em processo de luto chega à clínica, primeiramente precisa ser acolhida. De acordo com Ireland (2011), o terapeuta precisa inicialmente abster-se de questionar e de interpretar rapidamente o que a mãe diz, pois isso pode dificultar a formação do vínculo; deve-se, em vez disso, manter-se na função de proporcionar escuta e apoio, sendo solidário à situação da mãe.

O processo de elaboração pela perda de um filho abordado por Oishi (2014), aponta a importância de que essa mãe tenha um espaço onde possa expor seus sentimentos, sendo assim o analista deve atuar nesse sentido, em uma posição que auxilie o paciente na exteriorização da dor e na elaboração do luto.

A elaboração do luto trata-se de um redirecionamento das fantasias e defesas do psiquismo que necessita de um novo equilíbrio. Isso mostra a complexidade da tarefa do luto, frente a elaboração da perda, uma vez que o vínculo entre mãe e filho se rompe (CAMPOS, 2013).

CONCLUSÃO

No presente artigo foi possível compreender que desde o início a menina em sua infância, durante a brincadeira com suas bonecas já fantasia o desejo de ser mãe.

Foi visto que a mãe na maioria das vezes idealiza o filho que virá e que essa relação mãe e filho, já estabelecida durante o período de gestação e por isso, passar pela fase do luto, ou no caso, a morte do filho idealizado gera sofrimento, sendo necessário que esta mãe consiga ressignificar seu luto para que não entre em um luto patológico, ou seja, que não consiga elaborá-lo. Isto pode ocorrer por causa da história, do próprio narcisismo, as suas vivências, fantasias e sonhos que estão associados ao luto.

Diante do processo de uma perda, ou seja, do luto pela morte desse filho, foi mostrado no artigo que o analista siga o tratamento psicanalítico tradicional, porém dentro do âmbito do luto materno, na qual não foi achado textos mostrando especificamente a função do analista nesse tipo de caso, cabe ao mesmo compreender mais a respeito da temática a fim de melhor manejo da análise.

REFERÊNCIAS

- BROUSSE, M. H. *Femme ou mère? La Cause Freudienne*,(1993).
- CAMPOS, E.B.V. **Considerações sobre a morte e o luto na psicanálise**. Revista de Psicologia da Faculdade de Ciências - UNESP Bauru, 2013.
- FERRARI, A. G. et al. **O narcisismo no contexto da maternidade**: algumas evidências empíricas. Psico, Porto Alegre, PUCRS. 2006.
- FREUD, S. [1914]. **Sobre o narcisismo**: uma introdução. In:____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. 1. ed. Trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1974.
- FREUD, S. (1917). **Luto e Melancolia**. Tradução de Marilene Carone. São Paulo: Cosac Naify, 2011.
- FREUD, S.(1980). **Prefácio à "Juventude desorientada" de Aichhorn**. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* . Rio de Janeiro: Imago (Trabalho original publicado em 1925).
- GUTIERREZ, D. M. D. **Vínculo mãe-filho**: reflexões históricas e conceituais à luz da psicanálise e da transmissão psíquica entre gerações. Revista do Nufen , 2011.
- IRELAND, V. E. **A dor do luto e seu acolhimento psicanalítico**. Estudos de Psicanálise, Belo Horizonte – MG /2011.
- KLAUS, M. H; KENNEL, J. **Pais/Bebê**: A formação do apego. Porto Alegre, Brasil: Artmed. (1993)
- LYDON, J., Dunkel-Schetter, C., Cohan, C. L. & Pierce, T. (1996). Pregnancy decision making as a significant life event: a commitment approach. *Journal of Personality and Social Psychology*
- OISHI, K. (2014). **O jardim de Júlia**: a vivência de uma mãe durante o luto. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 5-11
- PICCININI, C. A. Et al. **Gestação e a constituição da maternidade**. Psicologia em estudo, Maringá. 2008.
- SEREN, R., & Tilio, R. (2014). As vivências do luto e seus estágios em pessoas amputadas. *SPAGE*